



Operadora:

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados do 1T12. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e, posteriormente, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas instruções para participação. Caso precise de ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar *0.

Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço www.bb.com.br, site de Relações com Investidores, onde há a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas ou por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias coligadas e controladas. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação.

Inicialmente serão apresentados detalhes do resultado. Ao final, os executivos responderão às questões que forem formuladas.

Conosco hoje estão os senhores: Ivan de Souza Monteiro, Vice-Presidente de Gestão Financeira e Relações com Investidores, e Sr. Gustavo Sousa, Gerente Geral de RI do Banco do Brasil.

Por favor, Sr. Gustavo, queira prosseguir.

Gustavo Sousa:

Obrigado. Bom dia a todos. Além do Ivan Monteiro, nosso CFO, temos aqui também outros diretores do Banco, participando de várias localidades – Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Vocês notarão nesta apresentação que mudamos um pouco o formato; fizemos um formato um pouco mais curto e objetivo, e de forma a dar mais espaço para o Q&A no final dessa sessão.

Já começando pela página três, trazemos os destaques do nosso resultado no 1T. Nós temos o Banco atingindo a marca de R\$1 trilhão em ativos totais, um crescimento de 16% nos últimos 12 meses; nosso portfólio de crédito, no conceito da carteira ampliada, atingindo R\$472 bilhões, um crescimento de 19%; nosso NII crescendo 11,8% no ano, dentro daquilo que projetamos no *guidance*; nossos índices de inadimplência continuam a ser os mais baixos do mercado brasileiro; e um crescimento bastante expressivo em nossas receitas de prestação de serviços.

Passando para o slide quatro, temos a abertura de nossas receitas e despesas operacionais. Naturalmente que a margem financeira bruta, nosso NII, continua a ser o item que representa a maior parte das receitas, algo em torno de 60%. Esse item cresceu, como vimos, 11,8% no ano. Também tivemos um crescimento expressivo nos itens de receita de serviços, 23%, e uma participação menor do componente Previ



nessas receitas, com R\$390 milhões. Isso é o efeito daquele item de *accrual* na Previ de R\$130 milhões por mês.

Em termos de despesas operacionais, temos um crescimento de 16,4% em despesas administrativas, e no slide mais à frente temos um detalhamento disso, e como projetaremos que esse número fique dentro do *guidance* deste ano. Também tivemos o item de risco legal com discreto crescimento.

E passando para o nosso lucro recorrente, um lucro de R\$2,704 bilhões; os itens extraordinários são aqueles relacionados aos planos econômicos, em valor total bruto de R\$361 milhões, para um efeito líquido após impostos, e efeito também de participação nos lucros, de R\$201 milhões.

A taxa de imposto efetiva foi de 26%, e aí não tem nenhuma mudança em nossas práticas, é somente o efeito do benefício fiscal da utilização de juros sobre capital próprio. Como o nosso lucro antes de imposto de renda no 1T foi menor que nos períodos anteriores, e o cálculo de JCP é feito com a aplicação da TJLP em nosso patrimônio líquido, acabamos tendo um benefício fiscal proporcionalmente maior pela utilização de JCP.

Na página cinco, nas nossas fontes e usos, nós temos a abertura das nossas principais fontes. Os depósitos continuam a ser o item mais importante de nossas fontes, respondendo por quase $\frac{3}{4}$ de nossas fontes totais, e eu também destacaria um segundo item, que é formado por LCAs e letras financeiras, que têm crescido bastante período a período, e cresceram, se formos olhar ano a ano, de 1,3% para 3,1% das nossas fontes totais.

Passando para os nosso usos, temos a carteira de crédito, que é o principal negócio do Banco do Brasil, e esse item sobre o conceito da resolução do Banco Central 2682 cresceu 18% no ano e representa 70,8% dos investimentos do Banco do Brasil.

Na página seis vemos nossos empréstimos no exterior. Atingimos a marca recorde de R\$37,3 bilhões, um crescimento de 41,4% no ano, com destaque para o item das emissões de *bonds* no exterior. No 1T, fizemos US\$1,7 bilhão de emissão daquelas perpétuos híbridos, que contam como capital nível 1 para fins de computo de Basileia. A primeira parte da emissão foi feita em janeiro, a segunda tranche em fevereiro, para um impacto em Basileia de mais ou menos 52 b.p. de incremento no Tier 1.

Passando para a página sete, temos uma abertura da nossa margem financeira bruta. Esse quadro abaixo mostra a abertura da nossa margem financeira bruta em seus principais itens e conseguimos ver o crescimento estável de seus principais itens.

Começando com o crescimento das receitas de operação de crédito, que ano a ano se expandiram em 16,9%, e também conseguimos ver a estabilidade do nosso resultado de tesouraria. A tesouraria do Banco do Brasil tem como ponto principal a gestão de liquidez de conglomerado e a imunização das diversas exposições que o Banco do Brasil tem.

Nos quadros acima, vemos a fotografia do spread global do Banco do Brasil, e no quadro superior direito vemos a estabilidade do spread das operações de crédito do Banco do Brasil nessa linha azul escura.

Passando para a página oito, temos uma abertura da nossa carteira de crédito no conceito ampliado, que inclui os títulos e valores mobiliários privados. No varejo, as



carteiras compradas após o início da aplicação da resolução 3523 do Banco Central, além de avais e garantias. Essa carteira atinge, no mês de março, R\$473 bilhões, um crescimento de 19% no ano; este crescimento aberto em 18% de crescimento no agronegócio, 14,2% de crescimento na pessoa física e 17,8% de crescimento na pessoa jurídica.

Passando para a página nove, temos a abertura do nosso portfólio. Como destaque, passamos esse quadro amarelo nos quatro primeiros itens, que são os itens de menor risco: crédito consignado, crédito de salário, financiamento de veículos e crédito imobiliário. Esses itens respondem por cerca de 80% do portfólio de varejo do Banco do Brasil, com destaque para o crédito consignado, que responde por cerca de 40% do portfólio de varejo do Banco do Brasil.

Passando para a página dez, temos a abertura da nossa carteira de crédito com pessoa jurídica, uma carteira que no ano cresceu 17,8%, com destaque para o primeiro item, que é o principal produto da carteira jurídica, que são as linhas de capital de giro. Esse item responde por 53,8% da nossa carteira de PJ total, e cresceu 17,2% no ano.

Na página 11, temos uma abertura do portfólio de pessoa jurídica entre as linhas com micro e pequenas empresas, e também com as grandes empresas, o que chamamos aqui de *large corporate*. As linhas para micro e pequenas empresas cresceram 24,3% no ano, o que é reflexo da estratégia de utilização do fundo garantidor de operações. A utilização desse fundo cresceu 38,8% no ano, o que temos nesse quadro à direita.

Passando para a página 12, temos nosso portfólio de *agribusiness*, onde o Banco é líder absoluto, com 63,7% de market share, um portfólio que cresceu 18,4% no ano. Abrindo um pouco esse crescimento, temos um crescimento com o pequeno produtor de 15,9%, e destacamos o crescimento com os médios e grandes produtores; as linhas para médios e grandes produtores cresceram 25,7% no ano, e as linhas com companhias cresceram 20% no ano. Essas linhas com médios e grandes produtores e companhias respondem por 67,3% do portfólio de agronegócios do Banco do Brasil.

Nesse quadro à direita vemos o *loop* de inadimplência, o que chamamos aqui de Inad-90, a inadimplência depois de 90 dias, e conseguimos observar que essa carteira tem itens baixíssimos de inadimplência.

Ainda no assunto inadimplência, na página 13, temos a fotografia da concentração em riscos de crédito. Percebemos estabilidade quando olhamos para o Banco do Brasil consolidado, um nível bastante estável de concentração nos riscos de AA a C, e números bem superiores aos apresentados pelo sistema financeiro nacional.

Na página 14 temos, nesse primeiro gráfico à esquerda, uma abertura da inadimplência acima de 90 dias do Banco do Brasil consolidado, do Banco do Brasil excluindo as operações do Banco Votorantim, e do sistema financeiro como um todo. No Banco do Brasil consolidado conseguimos observar certa estabilidade, um comportamento bem diferente desse comportamento de inadimplência crescente no sistema financeiro; e nas operações do Banco do Brasil exceto Banco Votorantim, percebemos movimento de forte melhoria.

Passando para a página 15, temos a abertura do índice de cobertura de operações vencidas há mais de 90 dias. A barra amarela nos mostra esse índice consolidado. Esse índice, em 210,6% no final de março, está bem acima do índice apresentado por



nossos pares; e quando olhamos o número de Banco do Brasil exceto operações do Banco Votorantim percebemos incremento nesse índices e uma marca de 245% de cobertura.

Na página 16, mostramos uma projeção das nossas despesas de provisão com riscos de crédito trimestrais. Sabemos que a provisão para riscos de crédito é um item que vocês analistas e investidores estão acompanhando muito de perto, e achamos que seria importante abrir para vocês a nossa projeção trimestre a trimestre. Então, temos para o 2T um volume de despesas projetado entre R\$3,6 bilhões e R\$3,8 bilhões, e para o 3T e o 4T, volumes entre R\$3,5 bilhões e R\$3,7 bilhões.

Na página 17, este quadro mostra as despesas administrativas do Banco do Brasil. As despesas de pessoal cresceram 17,5% no ano; temos uma redução no trimestre que é natural, o 1T geralmente tem despesas de pessoal menores que o 4T, e aí temos o efeito de férias, que o mercado já conhece bem.

E nas outras despesas administrativas, temos um crescimento de 15%, para um crescimento de despesas administrativas totais de 16,4% no ano. O nosso *guidance* para crescimento de despesas administrativas é entre 8% e 12% no ano. Estamos furando esse *guidance* no 1T, porque quando comparamos o 1T12 com o 1T11, em função de consolidações que foram feitas após o 1T11, falando especificamente de Mapfre, Patagônia, e mesmo as novas despesas relacionadas ao Banco Postal, temos uma comparação desfavorável com o 1T11. Se essa análise de crescimento das despesas for feita olhando-se para os últimos 12 meses, ficamos dentro do *guidance*.

Logo, nossa perspectiva para este ano é que, conforme o ano vá progredindo, nos aproximemos e fechemos o ano dentro desse *guidance* de crescimento de despesas que projetamos.

Na página 18, temos a abertura dos nossos itens de receitas com serviços. Esses itens cresceram 23% no ano, e isso é em função da materialização de vários investimentos que fizemos naquilo que chamamos de BB 2.0, de uma nova plataforma de negócios do Banco do Brasil, que permite que estreitemos os laços com os clientes e tenhamos, por consequência disso, mais receitas com esses clientes.

Os quatro principais itens de receitas, aí representados por receitas de conta corrente, receitas de cartões de débito e crédito, receitas de administração e fundos e receitas relacionados a operações de crédito, todos eles cresceram próximo ou acima de 20% na comparação do 1T12 com o 1T11.

Passando para a página 19, temos nosso índice de eficiência, que na visão trimestral tem um crescimento, para 45,2%, e aí, como já falamos de novas despesas e também do efeito do Banco Postal, que apesar de ser uma operação que trará muito resultado para o Banco do Brasil, no começo dela temos um efeito mais forte das despesas; as receitas virão mais fortemente nos períodos futuros.

E passando para a página 20, temos uma abertura do nosso índice de Basileia. Atingimos a marca de 14,3%; já começamos a utilização de instrumentos híbridos ao longo desse 1T, para um nível 1, um Tier 1 capital de 10,9%.

Na página 21, temos a conciliação da nossa performance com o nosso *guidance* projetado. Passando item a item, temos um *return on equity* dentro daquilo que foi projetado, um retorno sobre o patrimônio líquido recorrente de 19,7%; em nossa



margem financeira bruta um crescimento de 11,8% dentro do *guidance*, e depósitos também crescendo dentro do *guidance*; na visão carteira de crédito, aí as operações domésticas, crescemos abaixo do *guidance*, e também abaixo do *guidance* no crescimento de crédito com pessoas físicas e jurídicas.

No crescimento de crédito com pessoas jurídicas, e vamos falar antes disso do crescimento das operações de agronegócio, que cresceram acima do *guidance*, temos um efeito que as operações com agronegócio crescem um pouco acima do *guidance* em função também da utilização do crédito agroindustrial, que é um crédito com grandes empresas. Então, se fossemos calcular um efeito mais ou menos líquido, teríamos o crédito com pessoa jurídica crescendo dentro do *guidance*.

Na métrica de provisão que temos no *guidance*, que é a provisão sobre carteira média, estamos dentro do *guidance*, com 3,2%; no crescimento de *fees*, acima do *guidance*, com 23%, um acima que é positivo, claro; e nas despesas administrativas estamos acima do *guidance*, de forma negativa, com 16,4%, e também já comentamos esse item. A taxa de impostos, mais uma vez, 26,1%, abaixo do nosso *guidance*, e a tendência para o restante do ano é que voltemos para dentro do *guidance* neste item.

Obrigado, e vamos agora, por favor, abrir para perguntas e respostas.

Regina Sanchez, Itaú BBA:

Bom dia. Eu gostei muito do slide 14, onde vocês mostraram a abertura da inadimplência com e sem o Banco Votorantim. Vemos claramente que, no caso do tradicional do Banco do Brasil, teria caído até 30 b.p. em 2011 e ficaria estável no 1T12. Vocês poderiam explicar qual é o motivo para essa inadimplência estar tão concentrada em todo o sistema financeiro nacional na carteira de veículos? Teve algum tipo de seleção adversa? Vocês acham que as medidas macroprudenciais afetaram mais esse segmento que outros? Ou realmente houve uma má originação, talvez até no 2S10, com prazos acima de 60 meses, eventualmente sem entrada, que pegou um público que realmente não tinha condições de depois pagar esses empréstimos e que já esteja muito alavancado? E depois eu tenho uma segunda pergunta. Obrigada.

Ivan de Souza Monteiro:

Bom dia, Regina. Obrigado pela pergunta. Eu me lembro claramente que, quando foram estabelecidas as medidas macroprudenciais em dezembro de 2010, o próprio mercado tinha muita dificuldade em compreendê-las, ou traduzi-las naquele momento, em pontos da Selic.

O que temos hoje de aprendizado em relação a essas medidas é que elas são extremamente efetivas e produzem uma alteração muito importante na dinâmica do comportamento do consumidor.

Então, eu diria que as medidas macroprudenciais e seu efeito posterior, leva de três a seis meses para causar o efeito, isso foi o principal indicador que provocou o aumento da inadimplência, não só na carteira de veículos do Banco Votorantim, como no sistema de modo geral, pelos resultados já divulgados até agora.

A boa notícia é que nós teremos, no 2S12, uma substancial redução da provisão dessa carteira no Banco Votorantim. O efeito que está sendo percebido agora é da



rolagem das carteiras originadas em 2010, principalmente no 2S10, como você mencionou, e no 1T11, e à medida que essas carteiras vão perdendo participação na carteira nova originada, você vai tendo um efeito de dramática redução na provisão para devedores duvidosos dessa carteira, com impacto importante no 2S12.

Lembrando, Regina, que as originações efetuadas a partir de setembro de 2011, portanto setembro-outubro, novembro-dezembro, janeiro-fevereiro e março-abril, estão apresentando inadimplência acima de 90 dias abaixo de 2%. Já estamos indo para o oitavo mês com carteiras originadas após esse período, após agosto, que foi quando tomamos uma série de medidas em relação à carteira que vinha sendo originada até então, à metodologia, uma série de outras, e elas têm apresentado um comportamento de inadimplência muito saudável.

Outro dado positivo é que, em abril, o Votorantim voltou a ganhar participação em mercado. A partir do momento que sentimos uma robustez muito grande na nova metodologia, o Conselho de Administração do Banco autorizou novamente o Banco a elevar sua produção, o que teve um resultado positivo já no mês de abril.

Regina Sanchez:

Perfeito. Obrigada. Minha segunda pergunta, sabemos que o Banco Central, desde abril, começou a obter as informações de operações acima de R\$1.000. Eu queria saber se vocês estão tendo acesso a esses dados, como estão vendo o comprometimento da renda para o pagamento de dívida; se quando vocês começaram a olhar esses dados, vocês viram que realmente há pessoas que são muito mais endividadas do que vocês imaginavam, que os modelos de fato estavam estimando, e se vocês estão preocupados com isso ou não, ainda tem espaço para continuar crescendo crédito de forma sustentável, alongado prazos com taxas de juros também menores, mas com garantias melhores. Obrigada.

Ivan de Souza Monteiro:

Obrigado, Regina, novamente. Eu acho que a medida é extremamente positiva para o sistema. No caso específico do Banco do Brasil, preparamos o Banco para receber essa nova classe média brasileira. À medida que a informação no Banco Central captura o comportamento de consumo, no caso o comportamento de endividamento no sistema, ela é extremamente positiva para a sofisticação das nossas metodologias de avaliação de crédito.

Eu deixo o Diretor Márcio Hamilton, nosso Diretor de Crédito, se ele quiser complementar com alguma outra informação. Ainda não sei se é muito recente, Márcio, mas se você quiser adicionar alguma informação, fique a vontade.

Infelizmente estamos com dificuldade para falar com o Márcio, Regina, mas acho que é muito positiva a medida.

Regina Sanchez:

Se o Márcio estiver nos ouvindo, eu gostaria de saber se ele já viu esses primeiros dados e se teve algum tipo de surpresa, pessoas no Brasil que estão muito endividadas, que estão em uma alavancagem *[inaudível]*, ou era mais ou menos o que se estimava e agora dá até para refinar separando quem são os clientes de melhor qualidade, que ainda tem espaço para poder aumentar o endividamento e quem



realmente tem que ser mais conservador, porque a pessoa já está muito comprometida. Se o Márcio estiver ouvindo, eu agradeço a resposta.

Márcio Hamilton Ferreira:

Obrigado pela pergunta, Regina. Como Ivan colocou, essa medida do Banco Central é sempre saudável para o mercado. Nós temos mais transparência, conseguimos ter dados mais concretos com relação à questão da pessoa física. Para nós não teve muita surpresa.

Temos alguns fatores positivos no Brasil, que imaginamos que possam estar vindo para poder de certa forma mitigar qualquer tipo de peso maior em relação à questão de endividamento. Um deles, sem dúvida, é a questão da redução da taxa de juros, que sempre alivia muito na questão da capacidade de pagamento das pessoas físicas, e a questão do alongamento do prazo também.

Objetivamente, para nós não foi surpresa. Acompanhamos muito de perto o endividamento e o posicionamento da nossa carteira como um todo. Estamos nem confortáveis com relação à questão das nossas posições na nossa carteira de pessoa física.

Regina Sanchez:

Muito obrigada.

Fabio Zagatti, Banco Barclays:

Bom dia a todos. Eu queria fazer um *follow-up* na questão de inadimplência no Votorantim. Ivan, você comentou que a inadimplência da carteira já teria começado a dar sinais de melhora desde agosto, nas safras mais novas. Será que não é muito cedo para fazer essa afirmação? Porque eu me lembro daqueles gráfico de safra de veículos que vocês mostram tradicionalmente, que a inadimplência é sempre decrescente nas safras mais novas, mas isso obviamente não ficou evidente nos números reportados no 4T e 1T em relação às carteiras mais antigas.

Eu agradeço o fato de vocês terem nos dado o *guidance* de PDD nos próximos trimestres, mas eu gostaria que vocês nos ajudassem a entender quando deve de fato haver uma estabilização na qualidade do crédito lá. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Fabio, obrigado pela pergunta. Eu vou reiterar: todas as originações realizadas a partir de setembro de 2011, então são sete meses de originação, toda essa carteira originada a partir de setembro, tem uma inadimplência de 90 dias abaixo de 2%. Acho que o número exato é 1,8%. Depois eu peço para o Gustavo dar o número exato.

Nós esperamos um período razoavelmente longo, são sete meses, para poder afirmar, e voltar a autorizar a área comercial do Banco, falando sempre especificamente da carteira de veículos, que é a única que apresentou inadimplência acima da média do mercado, a voltar a crescer sua participação em mercado, e isso já ocorreu de uma maneira positiva no mês de abril.



Quando estamos falando de inadimplência, estamos falando das originações a partir de setembro até o mês abril, com taxa de inadimplimento acima de 90 dias abaixo de 2%. Com relação à carteira como um todo, haverá substancial redução na despesa de PDD já no 2S12. Então devemos ter um comportamento um pouco melhor no 2T e uma substancial melhoria no 3T e 4T, comparativamente ao 4T11 e ao 1S12.

Fabio Zagatti:

Ivan, só fazendo um *follow-up* nessa minha primeira pergunta: o *guidance* de PDD de vocês, apesar de você ter dito que deve haver uma substancial redução na criação de provisões, no *guidance* fica implícito que o nível vai seguir exatamente o mesmo que o do 1T. Eu entendo que tenha um crescimento da carteira de crédito, mas será que esse número de PDD não deveria ser menor, se de fato é isso que vai acontecer no Votorantim?

Ivan de Souza Monteiro:

Fabio, obrigado novamente pela pergunta. O que nós divulgamos inclui esse comportamento na Votorantim. Se eu não me engano, no comunicado nós deixamos claro que estamos perseguindo, pelo comportamento que está se dando na carteira, a *range* menor no *guidance*.

Fabio Zagatti:

Está ótimo. Minha segunda pergunta é em relação à redução de juros e taxas de administração e fundos. Eu queria ouvir de vocês de que forma vocês acham que o mercado deveria entender uma iniciativa do Banco de anunciar um novo pacote de taxa de juros.

Fato é que desde o anúncio do primeiro pacote já houve alguns reportes de agências de defesa do consumidor e da própria imprensa de que as taxas mais baixas não estavam disponíveis a todos os clientes, o que de fato é uma evidência de que vocês não mudaram as políticas de originação de crédito. Mas eu realmente gostaria de saber qual é a expectativa de vocês para o impacto do que já foi anunciado e do que ainda será anunciado na rentabilidade do Banco, já que vocês não mudaram em nada nenhum item do *guidance*. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Fabio, obrigado pela pergunta novamente. Toda e qualquer alteração dessa estratégia, desde a sua originação até a sua continuidade, tem o objetivo e a expectativa de crescimento da participação do Banco no mercado. Por conta disso, ela não altera em nada, e não alterará em nada, até o momento, qualquer indicador, qualquer projeção, qualquer *guidance* que já informamos ao mercado. É com base nessas projeções e nessa expectativa que não promovemos nenhuma alteração.

É evidente que nós estamos há um período ainda pequeno desde o estabelecimento do programa Bom pra Todos, que foi no dia 12 de abril. O impacto inicial do programa é extremamente positivo. Os desembolsos cresceram bastante e o objetivo final, que era conquistar participação em mercado, está efetivamente ocorrendo.

Mas como é um período ainda curto, é muito difícil estabelecer uma tendência clara



para os próximos meses. Os primeiros sinais, e o comportamento nas primeiras semanas, são extremamente positivos.

Fabio Zagatti:

Desculpe insistir nessa questão, mas me parece um pouco contraditório vocês imaginarem que possam ganhar market share com essa iniciativa de taxas mais baixas e não reduzir o *guidance*. Eu entendo que o *guidance* é um *range*, mas nem sequer sinalizar que estão mirando no topo do *guidance*.

Ivan de Souza Monteiro:

Fabio, repetindo: se você observar, ontem, na conferência com os jornalistas eu tornei claro que as carteiras que o Banco do Brasil, o portfólio de crédito do Banco Brasil é usualmente um portfólio de crédito de spreads mais baixos comparativamente aos nossos concorrentes.

Então, quem é líder no segmento agrícola, quem é líder no segmento de consignado, quem é líder no segmento do comércio exterior e quem, pelo quarto ano seguido, é líder no segmento de repasse de recursos do BNDES, está familiarizado em trabalhar e prepara a estrutura de custos do banco para trabalhar com linhas de menor spread.

Não é uma surpresa para nós a tendência do que está ocorrendo hoje no mercado brasileiro. Muito pelo contrário. Nós vimos preparando o Banco já há muito tempo. Eu me lembro da decisão que tomamos em outubro de 2009, da contratação de 10.000 novos funcionários, completamente alocados no setor de atendimento às agências, e várias outras iniciativas que têm sido adotadas desde o ano de 2008, 2009, 2010 e 2011.

É uma continuidade, é um programa que tem uma estratégia clara com o objetivo claro de manter as lideranças tradicionais do Banco do Brasil e ampliar nos setores onde somos líderes. Um exemplo: nós não somos líderes no mercado de consignado para aposentados e pensionistas, e temos, com base nessa estratégia, o objetivo de alcançar essa liderança.

Fabio Zagatti:

Está ótimo, Ivan. Muito obrigado.

Ivan Monteiro:

Obrigado você.

Eduardo Nishio, Flow Corretora:

Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade. Eu tenho uma pergunta em relação a autos e ao Votorantim em particular. Vocês mencionaram que as macroprudenciais em 2010 foram o motivo mais importante para a carteira ter performado mal ao longo deste ano. Eu queria saber com mais detalhes quais foram os impactos e o que vocês fariam de diferente em relação às macroprudenciais em 2010.

E queria também esclarecer, porque eu havia entendido antes que a carteira de autos novos que tinha dado esse problema de inadimplência maior em 2012. Eu queria



também entender um pouco mais do que vocês estão fazendo no Votorantim para reestruturar essa parte de autos. Muito obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Obrigado pela pergunta. Voltando à macroprudencial, eu queria lembrar o cenário daquela época. Foi uma medida adotada pelo regulador, o mercado tinha muitas dúvidas em relação ao seu impacto, e no caso específico do Banco do Brasil, a macroprudencial tem impacto relevante, e teve no mercado, em especial no mercado de veículos. É muito difícil dizer o que nós faríamos agora, passados os resultados do impacto daquela medida. É muito difícil. Eu posso dizer o que nós já fizemos.

Quando um conjunto de metodologias se mostra robusto em determinada realidade e não se mostra robusto em uma realidade mais restrita, é evidente que você faz todo um conjunto de medidas de aperfeiçoamento dessa metodologia. Foi exatamente o que foi feito.

E mais: eu acho que a parceria existente, que nós aperfeiçoamos ainda mais, entre as áreas de crédito do Banco do Brasil e as áreas de crédito do Banco Votorantim, falando especificamente da carteira de veículos da BV Financeira, contribuíram bastante para que, a partir de setembro de 2011 e até o mês de abril de 2012, a originação se desse com uma qualidade bastante superior, como eu mencionei, com índice de inadimplência de 90 dias abaixo de 2%, especificamente entre 1,8% e 1,9%

Então, o que tínhamos que efetuar e colocar em prática já foi efetuado e colocado em prática. Eu vou pedir ao Gustavo que lhe encaminhe um rol de alterações muito grande, bastante operacional. Nós não teríamos condições de esclarecer todos os detalhes aqui na teleconferência, mas isso será remetido a você, e você vai verificar que nós robustecemos bastante a metodologia de concessão e avaliação de crédito.

Em especial, a sua menção a veículos novos, não sei se você se recorda da estratégia adotada no final do ano de 2009 e em 2010, o objetivo era avançar; o Votorantim tinha uma metodologia bastante robusta para veículos em lojas multimarcas, e nós avançamos no segmento de concessionárias.

O segmento de concessionárias se mostrou um segmento para um novo entrante extremamente competitivo, e o Banco Votorantim teve certa dificuldade em compreendê-lo.

Acho que a evolução natural do modelo e da parceira entre nós caminhará para o que nós temos denominado aqui dentro de modelo de originadora. A BV Financeira sendo originadora diretamente para o Banco do Brasil nas operações com concessionárias, e atuando fortemente naquele segmento tradicional que ela sempre atuou bem, que eram aquelas lojas de revenda de veículos multimarcas e veículos usados.

Eduardo Nishio:

OK. Obrigado. Eu tenho mais uma pergunta, em relação a aquisições de juros. Aparentemente, vocês estão fazendo mais um anúncio no mercado em relação a isso. Eu queria saber como foram esses 30 dias desde o começo do primeiro pacote, como foi a evolução? Qual segmento cresceu a mais, qual segmento vocês acham que ganha market share de forma mais relevante? E em relação às taxas de administração



para fundos mútuos, eu queria saber também se vocês pretendem fazer alguma mudança em relação às taxas. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Com relação a fundos de investimento, está sendo feita uma avaliação relativa às medidas anunciadas ontem com relação à remuneração da caderneta de poupança, então eu não teria nada a acrescentar neste momento.

Com relação à questão de market share, houve um visível crescimento, no caso específico do Banco do Brasil, nas operações de financiamento de veículos, nas operações que eram foco de nosso objetivo, como micro e pequenas Empresas, os desembolsos daquilo que chamamos de BB Crediário e nos próprios desembolsos de consignado. Então, de um modo geral, a carteira de pessoa física e de micro e pequena empresa reagiu substancialmente no que chamamos de média de desembolso diário ao anúncio das medidas.

Eduardo Nishio:

OK. Muito obrigado, Ivan.

Rafael Ferraz, Banco Safra:

Bom dia. Na verdade, a minha pergunta era linha com essa questão da mudança de tarifa dos fundos. Você falou que realmente não pode mencionar nada. De alguma forma isso teria algum impacto? Se vocês vierem a reduzir mesmo as tarifas de fundos, de que forma poderia impactar o *guidance* de vocês de tarifas, olhando para frente? Estão em um ritmo um pouco acima do *range* que vocês passaram para o ano de 2012, e se vocês pudessem dar um pouco mais de detalhes em relação a essa sua política, de que forma vocês imaginam que isso poderia impactar o *guidance* de tarifa de vocês caso seja aplicado. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Rafael, nenhuma alteração no *guidance*. Como eu disse, nós estamos avaliando essas medidas. Não teria como lhe dar nenhum dado objetivo nesse momento. O comportamento que alcançamos no 1T em relação à tarifa está muito relacionado à expansão de base e à expansão do relacionamento que temos com os clientes.

Toda estratégia adotada pelo Banco do Brasil de fazer um investimento muito forte na melhoria do relacionamento com seus clientes e todas as ferramentas que vimos utilizando até então têm tido um objetivo claro de aumentar o consumo e a satisfação do cliente, e consequentemente o consumo de produtos e serviços por cliente no banco. E isso tem sido conseguido com bastante sucesso, e por isso estamos tendo uma performance superior ao que nós inicialmente tínhamos imaginado para o *guidance* de tarifa para 2012.

Rafael Ferraz:

Obrigado.



Alexandre Tumbert, UBS:

Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade. A minha pergunta é rápida, em relação à estratégia do Banco depois dessas mudanças e do tom um pouco mais agressivo do Governo em relação a baixar spreads. Eu queria entender, pelo lado de vocês, como está sendo a parte de modelagem na parte de crédito, a parte qualitativa. O Governo novamente está incentivando os bancos como vocês e a Caixa a serem um pouco mais agressivos na parte de taxas, mas eu queria entender na parte de critério de crédito, se isso mudou alguma coisa ou se vocês acham que o Governo poderia ter algum tipo de influência um pouco em relação à parte de critério de crédito *going forward*.

Ivan de Souza Monteiro:

Alexandre, não há qualquer alteração de critério em relação à metodologia de crédito. O que sempre ocorre no Banco são aperfeiçoamentos. Por exemplo, a pergunta que foi feita pela Regina em relação ao banco de dados do Banco Central capturar operações acima de R\$1.000. Isso é um excelente insumo para a sofisticação das metodologias de crédito, como o próprio diretor Márcio Hamilton mencionou. Mas não há qualquer alteração relacionada ao que foi anunciado no programa Bom Pra Todos.

O programa visa o crescimento da carteira de crédito do Banco, em especial em setores onde o Banco não é líder, como consignado para aposentados e pensionistas, por exemplo.

O grande motivador do programa Bom Pra Todos é a mensagem clara do regulador, no caso o Banco Central do Brasil, e uma tendência clara de redução da taxa básica de juros, uma percepção de que a competição no sistema financeiro aumentaria bastante com a introdução da livre opção bancária. Ela começou para o setor privado em 2009 e agora em 2012 para o setor público.

O Banco do Brasil é líder desse segmento, e nós não poderíamos permitir que houvesse uma redução da participação do Banco. O programa Bom Pra Todos também tem esse objetivo: a defesa da base naqueles segmentos onde já somos líderes e o avanço na participação no mercado em segmentos onde ainda não alcançamos essa liderança.

Alexandre Tumbert:

OK. É uma última pergunta, só dando continuidade a isso, em relação ao tipo de portfólio, tipo de crédito que você tem dentro do seu portfólio. Como você mesmo falou, focar nas categorias em que são líderes. Então, podemos assumir que na parte de cartão de crédito, ou empréstimo pessoal, onde normalmente tende-se a ter um NPL um pouco maior, o Banco não dará ênfase tão grande?

Ivan de Souza Monteiro:

Não é verdade, Alexandre. Vamos recordar um pouco da estratégia. Nós fizemos toda a reformulação no segmento de seguros do Banco, estamos avançando bastante e capturando os benefícios dessa reformulação. Nós lançamos o cartão Elo, que está indo muito bem. O mais recente movimento foi a entrada da Caixa Econômica Federal no capital da Elo Serviços, que é a empresa emissora dos cartões.



Então, a combinação de todas as estratégias, que não são de agora, que foram planejadas e adotadas há dois anos, visavam o ambiente que nós temos de maior competição agora, em que eventual perda de rentabilidade na carteira de crédito seria compensada por aumento de participação naquelas modalidades que são baseadas somente em *fee*, não baseadas em *spread*, como é o caso de cartão de crédito, mercado de capitais, *asset management* e todos os outros produtos e serviços que disponibilizamos, e seguros de modo geral.

Seguros e cartão são prioridade do Banco. Lembrando que, com o advento da nova classe média, são desenhados produtos específicos, da mesma forma que os produtos de crédito, para oferecimento a esse novo conjunto de consumidores.

Alexandre Tumbert:

OK. Obrigado. Só uma última pergunta, para ver se eu entendi certo: na parte de Votorantim, que vocês estão falando que estão voltando a ganhar market share agora, foi feito algum tipo de mudança no modelo para concessão do crédito ou o modelo foi mantido o mesmo?

Ivan de Souza Monteiro:

Alexandre, foi feita uma radical mudança no modelo. Quando o consumidor decide pela aquisição de um veículo, a velocidade com que você consegue esse crédito é um fator muito importante.

Um dos itens em que mais investimos nesses últimos sete meses foi gerar um banco de dados de muito maior qualidade. Poderia citar vários exemplos de como você robustece seu banco de dados, para que, ao implementar a tecnologia usando uma quantidade de dados muito maior, você tenha condição de ter assertividade e um tempo de resposta à solicitação de crédito do consumidor muito rápida.

Qual é o objetivo disso? Aquele consumidor de bom crédito, é evidente, é assediado pelos concorrentes, e o tempo de resposta a esse consumidor de bom crédito é fundamental na sua decisão de adquirir o produto, no caso, o veículo.

O tempo de resposta do Banco Votorantim era menor que o dos seus principais concorrentes. O que fizemos foi robustecer e tornar essa metodologia com muito mais qualidade do que tínhamos até então, para o ambiente de competição que é exigido, por exemplo, em uma concessionária de veículo novo, diminuindo o tempo de resposta e, com isso, atingindo aquela faixa de clientes de menor risco.

Essa é uma das medidas, mas eu vou anotar aqui para que o Gustavo também remeta para você todo o conjunto de medidas que foi adotado, e que a partir do mês de abril levaram o Conselho de Administração do Banco a autorizar a área comercial a buscar aumentar a sua participação em mercado novamente, o que já ocorreu em abril.

Alexandre Tumbert:

Obrigado.



Jorg Friedmann, Merrill Lynch:

Obrigado pela oportunidade. Eu gostaria de fazer duas perguntas. Começando com a parte de Votorantim, Ivan, eu me recordo que eu fiz uma pergunta no *call* anterior de resultados sobre o nível de capitalização ideal que vocês manteriam no Banco Votorantim também, e esse nível que você tinha sinalizado era da ordem de 13%.

Pelo que eu vi nesse trimestre, o Banco atingiu esse nível. Está certo que você talvez tenha um impacto positivo do *deal* de Locamerica, mas é um impacto pequeno na Basileia do Banco, e aí eu pergunto se com esse *guidance* que vocês estão prevendo de provisão, que implica dizer que talvez o 2S ainda seja um pouco difícil para o Banco Votorantim, se vocês podem considerar a capitalização do Banco no curto prazo. E depois eu venho com a minha segunda pergunta. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Obrigado, Jorg. Eu acho que tem dois fatores positivos que você deveria considerar. Primeiro, se você comparar a média de produção de 2010 e 2011 com a média de produção de 2012, houve um menor consumo de capital, porque a média foi bem menor no 1T12 comparativamente a todos os demais semestres de 2011 e 2010.

Evidente que ele começa agora uma trajetória de recuperação, mas ele deve levar um bom tempo ainda para atingir nível de produção como tínhamos no passado. Esse é um benefício muito grande que capturamos.

Outra operação importante que efetuamos foi com relação ao desempenho da tesouraria e do mandato da tesouraria. A tesouraria do Votorantim tinha uma participação na componente final do Banco muito superior a um padrão que nós acionistas considerávamos adequado, ainda mais pelo perfil de acionista que o Banco do Brasil tem. Esse também foi outro benefício muito grande com relação ao índice de Basileia do Banco.

Então, a combinação de menor produção, a combinação de alteração no mandato da tesouraria, e você citou o benefício Locamerica, que também é um benefício, nos leva a crer que o índice prudencial de 13% pode ser mantido por um período até maior do que estávamos imaginando.

Caso haja necessidade, e devemos aguardar a publicação final das regras de Basileia 3, ainda estamos no período da audiência pública, será reavaliado, e se houver necessidade de capitalização, será feito.

Jorg Friedmann:

Perfeito. Então, só um pequeno *follow-up* nessa pergunta: quando vocês veem o *breakeven* do resultado do Banco Votorantim? Porque eu entendo esses benefícios, mas pelo menos no meu modelo, eu ainda estava vendo o Banco Votorantim perdendo dinheiro no 2T, o que implicaria dizer um pouco de destruição de capital, posso estar errado. Se vocês puderem antecipar quando vocês preveem o *breakeven* do Votorantim, ajudaria bastante.



Ivan de Souza Monteiro:

Jorg, vou repetir: todas as projeções que nós temos aqui, e eu quero reiterar isso, apontam para uma substancial diminuição na provisão. Quando falamos dessa discussão da PDD no Banco Votorantim, estamos falando única e exclusivamente da carteira de crédito e veículos. E eu reitero que a provisão para devedores duvidosos da carteira de créditos do Votorantim sofrerá uma substancial redução no 2S.

Então, o que você está vendo é um fenômeno de rolagem de carteira originada em 2010 e no 1S11, que a cada mês vai perdendo relevância. Então, a cada mês a produção nova sobe, a carteira antiga vai sendo rolada, provisionada ou levada para perdas, e você começa a capturar o comportamento da provisão nova, que, como eu antecipei, tem se mantido a níveis abaixo de 2% já pelo sétimo mês seguido. E agora, em abril nós alteramos um pouco a dinâmica dessa carteira, e ela voltou a ganhar market share, voltou ganhar participação em mercado.

Ou seja, é muito difícil antecipar para você o momento exato do *breakeven*, porque vai depender da performance comercial, e temos concorrência no mercado. O mercado não está aberto para que um Banco só expanda sua carteira, o mercado é concorrencial.

A combinação da elevação da carteira comercial, mantidos níveis de inadimplimento que nós consideramos adequados, e adequados para o acionista Banco do Brasil e para o acionista Votorantim Finanças, abaixo da média de mercado, a dinâmica dessa carteira será fundamental para a definição desse *breakeven*. Mas queria reiterar que as provisões para a carteira de veículo no 2S serão substancialmente menores do que no 1S12.

Jorg Friedmann:

Perfeito. Está muito claro. Mas caso você ainda perca dinheiro no Votorantim no 2T, a Basileia do Banco poderia cair abaixo dos 13%, e isso não necessariamente se ligaria à capitalização do Banco por parte de vocês. É essa a mensagem que eu aprendi, correto?

Ivan de Souza Monteiro:

Jorg, você me perguntou se temos um compromisso e uma meta de manter um índice de Basileia de 13%. O que eu estou dizendo é que é difícil antecipar o comportamento desse índice, porque, como eu mencionei anteriormente, a alteração do mandato da tesouraria e a própria produção comercial menor do que imaginávamos postergaram muito o consumo de capital que, até então, tinha sido o comportamento do Banco.

Então, eu não queria lhe dar um dado objetivo afirmativo que será naquele trimestre ou no outro trimestre. O que eu posso garantir é que o comportamento da PDD para o 2S é substancialmente menor que o comportamento da PDD para o 1S. Isso é claro e é nítido para nós.

Jorg Friedmann:

Perfeito. Só explorando outro ponto então: na questão de crescimento da carteira do agronegócio, eu percebi que o *guidance* de vocês está de 9% a 12% para o ano de



2012, e vocês têm rodado bem acima disso, em 18%, o que implica dizer que vocês acham que vai ter uma desaceleração.

Dito isso, e olhando também para a melhora da qualidade dessa carteira e para os níveis de equalização, seria correto também antecipar que, nessa nova renegociação da equalização que acontece em julho, poderia ter uma redução desse nível de equalização para o 2S e para o ano que vem? Obrigado.

Clenio Sevério Teribele:

Bom dia a todos. Obrigado pela pergunta. Vou responder em partes. O indicativo de *guidance* não significa necessariamente que a carteira não continuará tendo esse bom desempenho nos próximos períodos. Nós podemos nos posicionar no *guidance* superior ou até acima dele, como vem se verificando.

Em relação às receitas de equalização, não podemos antecipar ainda em função de que as negociações estão em curso com o Governo Federal. Seria prematuro fazer qualquer análise de valor por conta dos entendimentos que estão sendo mantidos.

Naturalmente que, ao longo do tempo, as equalizações acompanham o desempenho do mercado. Quando nós temos um cenário de taxas de juros mais agravado, com uma Selic alta, o mercado trabalha nessa base. Um dos grandes balizadores das negociações da fixação de preço é exatamente a taxa Selic, que é a que baliza o mercado inteiro, além naturalmente do processo de certificação de custos e de spread que o Banco espera para manter o seu retorno, seu PL.

Então, acho que em linha geral seria isso. E ratificando, até o momento nós não temos um número que possamos adiantar ao mercado.

Jorg Friedmann:

Obrigado. Vocês estão trabalhando com qual ROE para carteira equalizada nesse momento?

Clenio Sevério Teribele:

Desculpe, não entendi.

Jorg Friedmann:

Qual é a rentabilidade que vocês têm acordada com o Governo neste momento para a carteira equalizada?

Clenio Sevério Teribele:

Esse é um número que nós reservamos, um número de produto de negociações internas que normalmente nós não fazemos publicidade a respeito dele. Posso assegurar ao senhor e aos demais ouvintes que em todas as negociações que, o Banco empreende junto ao Governo Federal, está assegurado o retorno sobre o PL estabelecido pelos escalões superiores da organização.



Jorg Friedmann:

Obrigado, Clenio.

Marcelo Henriques, BTG Pactual:

Bom dia. Minha pergunta é mais para ter um pouco da visão de vocês sobre o ROE do Banco, muito em linha do que tem sido feito recentemente, que começou a ser feito pelos bancos públicos e depois os bancos privados seguiram de alguma forma, que é a redução nas taxas. Eu entendo que os critérios de aprovação de crédito não mudaram etc., mas pelo seu comportamento de inadimplência ex-Votorantim, a inadimplência é muito baixa; não sei quão mais baixo isso pode ir, mas parece que a direção de margem está muito clara.

Então, queria entender um pouco da visão de vocês: nesse cenário, o que você acha que seria um ROE agora em um patamar mais sustentável para o Banco do Brasil? Depois eu faço a minha segunda pergunta.

Ivan de Souza Monteiro:

Marcelo, obrigado pela pergunta. O patamar é o patamar do *guidance*. É esse que nós estamos perseguindo, é esse que nós divulgamos e não sofreu qualquer alteração. Para nós do Banco do Brasil, o cenário que se avizinha de maior crescimento na economia brasileira no ano de 2012 é extremamente positivo, porque, e você conhece isso bem, o Banco do Brasil é desenhado para apoiar a atividade produtiva. Qualquer redução nessa atividade, qualquer desvio desse objetivo tem uma trajetória no Banco do Brasil importante; ela causa alteração no comportamento da nossa rentabilidade, no comportamento do nosso desempenho.

Por quê? Porque o Banco é focado nisso. O Banco que é líder na agricultura, é líder no comércio exterior, repasse do BNDES, consignado e outras linhas, ele é dependente do comportamento da economia. O Banco foi desenhado assim e continuará a atuar assim. A economia indo bem, a tendência é que o Banco continue indo bem.

E nada nos diz hoje que a economia brasileira não caminha para um ano de muito sucesso em relação ao comportamento das economias, em especial a europeia, americana, asiática etc. Então, de modo geral, esse comportamento muito favorável da economia brasileira é capturado no bancos e é reforçado com as iniciativas que nós temos adotado recentemente, como o programa Bom Para Todos.

Marcelo Henriques:

A minha pergunta foi mais no médio e longo prazo, o que você acha que é o ROE sustentável, o que você pode falar.

Ivan de Souza Monteiro:

Marcelo, como eu tentei explicar anteriormente, desde 2009 nós tomamos uma decisão no Banco de focar o atendimento e a qualidade no atendimento, qualidade no relacionamento. A decisão de contratar 10.000 funcionários, a decisão de trocar toda a plataforma do software de relacionamento entre nossos gerentes de contas e seus clientes, todo o objetivo do Banco foi melhorar a qualidade do seu atendimento, já



antecipando o movimento de maior concorrência da livre opção bancária de 2009 para o segmento privado e da livre opção bancária para o segmento público agora em janeiro de 2012.

Então, as iniciativas de reformulação da área de seguridade, as iniciativas de criação do cartão Elo, as iniciativas de abertura da corretora de Cingapura, a internacionalização, tudo isso, todas essas estratégias visam a um único objetivo: preservar a rentabilidade no Banco, em um ambiente de taxa benchmark muito menor, taxa Selic muito menor e spreads muito menores. O Banco se preparou para isso. Foi diferente, acho, do que aconteceu na época da inflação alta.

Acho que temos toda uma estratégia calcada em preservar a rentabilidade do Banco, nesse ambiente que, volto a repetir, é um ambiente extremamente saudável para a história de 204 anos do Banco do Brasil. Então, estamos em 2012 dentro do *guidance* e perseguindo o *guidance* para 2013 muito semelhante.

Mas tudo vai depender do comportamento da economia real, do comportamento da concorrência etc. Nós nos julgamos preparados a preservar a rentabilidade do Banco, porque não começamos agora; começamos esse processo desde 2009. Então, não é surpresa para nós essa convergência que está ocorrendo no Brasil a padrões internacionais de spread.

Marcelo Henriques:

Perfeito. Só um *follow-up* no Votorantim, na questão do *turning point* do Banco, quando vira etc., o que você espera de rentabilidade que esse banco pode dar depois de todas as implementações e transformações que vocês estão fazendo nele recentemente?

Eu lembro que, obviamente, quando o banco foi adquirido, a ideia era ter um banco privado, mas livre, originar sem as amarras etc., fora todos os outros argumentos. Mas como você vê esse banco agora, a capacidade de originação de crédito e rentabilidade do banco com todas essas transformações que estão acontecendo recentemente? O que você acha que pode esperar de rentabilidade desse banco agora?

Ivan de Souza Monteiro:

Eu acho que nós podemos esperar uma rentabilidade entre 18% e 20%. Esse é o objetivo que está se desenhando para o Banco. Evidentemente, é muito cedo ainda para falar nisso, Marcelo, e as explicações que eu dei anteriormente auxiliam nesse processo.

Mas isso seria algo a ser perseguido, e eu diria para você que todas as alterações que foram feitas buscam aumentar a produção, porém com o níveis e comportamentos de inadimplência nos padrões que os acionistas do Banco do Brasil e Votorantim Finanças consideram adequados. E o padrão que consideramos adequado é ter rentabilidade com inadimplência abaixo da inadimplência de mercado. E estamos conseguindo isso, originar ativos com baixa inadimplência desde setembro de 2011, como eu mencionei anteriormente.



Marcelo Henriques:

OK. E só uma última pergunta, sobre o capital, você sabe que eu gosto desse assunto: vocês soltaram um *guidance* há algum tempo sobre estimativas de Tier 1 e *core* Tier 1 na Basileia 3, que tinha premissas de crescimento do ativo ponderado pelo risco na casa de 15%, se eu não me engano. Dada essa expectativa de potencial aceleração de crédito, inclusive vocês falaram ontem que o volume de originação aumentou de forma significativa após as reduções na taxa, vocês têm intenção de mudar essas projeções, ou alterar a expectativa de vocês de Tier 1 e *core* Tier 1 para o Banco?

Ivan de Souza Monteiro:

Não, Marcelo. Ainda não. Nós vamos soltar uma atualização dessa estimativa tão logo a audiência pública termine e o Banco Central do Brasil publique as regras definitivas. Todo o sentimento que nós temos até agora, dado que nós não alteramos o *guidance*, é que nós vamos continuar com números muito parecidos com o que nós divulgamos até agora.

Ficamos extremamente satisfeitos com a aprovação pelo Banco Central do Brasil das emissões, a primeira tranche em US\$1 bilhão e a segunda tranche em US\$750 milhões, em um desenho em que os investidores pré-autorizam o Banco para fazer alteração na estrutura de emissão para que o papel continue sendo enquadrado, para que o *bond* continue sendo enquadrado em um ambiente de Basileia 3 como capital de nível 1.

Eu acho que estamos muito satisfeitos. Você percebeu que o índice de Basileia no Banco subiu no período, de 14,1% para 14,3%, e não há qualquer perspectiva de alteração neste momento daquelas projeções.

Marcelo Henriques:

Obrigado pela resposta.

Fabio Zagatti, Barclays:

Ivan, eu queria fazer uma pergunta sobre seguros. Queria saber qual é a expectativa para o resultado recorrente dessa linha nos próximos trimestres. Vocês vinham girando em um nível de R\$600 milhões, R\$700 milhões por trimestre, mas nos últimos dois trimestres esse resultado caiu para mais ou menos R\$500 milhões. Vocês poderiam dizer qual premissa de crescimento de prêmios estaria implícita nesse resultado, e eu gostaria que você nos desse como recorrente nos próximos trimestres. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Fabio, não teria como lhe dar uma premissa. O desenho e a estratégia que foi adotada de reestruturação dessa área foi um sucesso. Eu vou dar um exemplo da combinação: nós não tínhamos uma tecnologia para atuar com *brokers*. Toda a nossa tecnologia foi desenvolvida para venda do produto através do canal de agências do Banco, e com a combinação dos parceiros que foram trazidos, e com a criação das novas empresas, isso está sendo posto em prática e tem sido um sucesso.



Eu não teria um número específico. O Gustavo está anotando aqui para encaminhar dados muito objetivos sobre a perspectiva de crescimento para 2012. Me desculpe.

Fabio Zagatti:

Entendo. Mas como essa linha é uma importante contribuição para o lucro do Banco, você acredita que ela deveria girar mais perto dos R\$500 milhões ou mais perto dos R\$700 milhões por trimestre?

Ivan de Souza Monteiro:

Eu não quero dar um dado objetivo agora, Fabio. Estamos nos comprometendo aqui a te encaminhar essa informação. Eu só diria que o comportamento da parceria, aquilo que foi idealizado e aquilo que está sendo posto em prática e funcionando está indo muito bem.

Fabio Zagatti:

Perfeito, Ivan. Obrigado.

Operadora:

Não havendo mais perguntas, passo a palavra aos executivos do BB para as considerações finais.

Gustavo Sousa:

Senhores e senhoras, muito obrigado pela participação. Qualquer outra dúvida remanescente, por favor, encaminhem para nossa equipe de RI. Muito obrigado. Um abraço.

Operadora:

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no portal BB, na página de relações com investidores. Obrigada pela participação. Tenham todos um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”